

GULLAR: DO ANJO TERRÍVEL À LEVEZA DO REAL

Rodrigo Petronio

Para quem descobriu o sentido da poesia com Rilke e Eliot, dois poetas dados às mais altas meditações metafísicas, seja com o Anjo Terrível das *Elegias de Duíno* ou com a transcendência dos tempos sobrepostos dos *Quatro Quartetos*, a obra e a vida de Ferreira Gullar são mesmo uma vertigem de transformações ininterruptas. Excetuando-se o livro *Um Pouco Acima do Chão*, de 1949, que o poeta excluiu de suas obras completas, pois não crê no que escrevera antes de ter efetuado essa descoberta, seu primeiro livro já é um voo rasante que tenta trazer a poesia de sua dimensão mais sublime para o plano histórico, lançá-la em um corpo a corpo da vida. Como relata o poeta em uma antológica entrevista concedida a José Castello, depois dessa consciência do que era a poesia, Gullar passou a outro questionamento: como defini-la? E chegou a uma máxima: “a poesia tem que mudar a vida”. É com essa descoberta que se realiza a passagem, pode-se dizer a síntese entre o pleno sentido da poesia em si e o sentido relativo da poesia no mundo. É dessa consciência que nasce aquela que viria a ser de fato sua primeira obra: *A Luta Corporal*, de 1954.

Mas a metamorfose Gullar não tem fim. E mal havia descoberto esse caminho inicial, já o colocava em questão. Porque o poema “Roçzeiral”, contido em seu primeiro livro, de certa maneira já testava os limites da linguagem articulada e a materialidade da própria página na qual o poema era grafado e as palavras, pulverizadas, em uma espécie de afasia articulada. Esse poema está na origem de uma obra bastante experimentalista como *Crime na Flora*, livro concebido sob o influxo de *A Luta Corporal*, mas que só seria publicado 30 anos depois, em 1986. Nele os limites da linguagem e a materialidade da expressão poética já começam a se esgarçar, e já se preparam as conhecidas experiências artísticas nas quais o poeta une poesia e artes plásticas.

Primeiro, com o movimento da poesia concreta, de São Paulo, com o qual Gullar dialoga, ao longo de uma fase que durou até a ruptura, em julho de 1957. Depois, por incentivo de Mário Pedrosa, com a criação do movimento neoconcreto no Rio de Janeiro, junto com artistas plásticos, do qual Gullar redige os dois manifestos: *Manifesto da Poesia Neoconcreta* e *Teoria do Não-Objeto*. Também cria, com o

Helio Oiticica, as bases para um novo conceito de poema, que saltava do espaço gráfico do livro e se transformava em uma verdadeira instalação. As ideias de um livro-poema, de um livro-corpo ou de um livro-mundo eram importantes para a redefinição do espaço da poesia, no sentido físico e conceitual do termo. Mas não eram suficientes. Porque essas experiências-limite das vanguardas parecem nunca ter dado a dimensão de realidade a que Gullar sempre aspirou, sobretudo a conexão possível entre poesia e política.

Com sua vivência em Brasília e seu retorno ao Rio de Janeiro, opera-se uma nova fase do poeta, mais engajada e até panfletária, na qual a dinâmica social é posta em palavras e a própria noção de poesia passa a equivaler a artesanato popular, assumindo um teor nitidamente crítico com relação às definições de alta e baixa culturas. Escreve literatura de cordel e um dos livros teóricos emblemáticos dessa ruptura com as propostas das vanguardas, das quais ele mesmo havia sido menor e ponta-de-lança, é *Vanguarda e Subdesenvolvimento*. Mas aqui Gullar parece ter se deparado com um problema incontornável: nessa trilha, onde termina a poesia e onde começa o puro combate mediado por palavras? Como conciliar o intelectual que reflete criticamente sobre o mundo e a forma popular, que nasce espontaneamente de raízes folclóricas profundas? Esse impasse deu ensejo a um oportuno amadurecimento do tema político e participativo em sua poesia a partir de 1962 e que dará origem a *Dentro da Noite Veloz*, em 1975, mesmo ano em que escreve uma de suas obras-primas, o *Poema Sujo*, livro-poema escrito entre maio e outubro do mesmo ano e publicado no ano seguinte, ambas obras compostas quase em sua totalidade no exílio. As condições especiais de escrita e a repercussão do *Poema Sujo* mereceriam um comentário à parte. Mas o fato é que, gravado pelo poeta em uma fita cassete e trazido ao Brasil por Vinicius de Moraes, esse livro-poema, sob a forma de áudio-livro (o poeta sempre na vanguarda), que sintetiza em si o uso inovador de recursos gráficos, de política e de poesia, gera repercussão e consegue trazê-lo de volta ao Brasil.

O reinício de Gullar em terras brasileiras marca também uma nova transformação: *Na Vertigem do Dia*. Publicado no começo dos anos 1980, e pensando-se em um binômio política-poesia, o livro inaugura um Gullar que parece transitar agora daquela para esta, tentando dar um tônus mais emocional, mais lírico à experiência do tempo e da história. Nas palavras do poeta, trata-se de uma “música de câmara”, não mais da estrutura sinfônica de *Poema Sujo*. Mais do que a *forma*, importa a

ênfase. Trata-se acima de tudo de um livro no qual Gullar parece ter transcendido tanto as teorias de vanguarda quanto o dilema marcadamente ideológico que lhe servia de guia, e agora tenta reatar o elo perdido com uma espécie de sentimento de poesia captado em estado puro. A cada instante, em sua nascente cotidiana, a poesia nasce, sem com isso abdicar do sentido histórico que nos permeia. Em outras palavras, o poeta retorna à sua condição existencial, que sempre está em paralelo às sínteses operadas pela consciência vigilante, aquém da experiência formal e além da política.

Depois dessa obra, Gullar retoma a poesia em um de seus sentidos mais originários e, por que não, originais: a poesia volta a ser um espanto. Não que não o seja sempre, quando ela de fato acontece, quer seja motivada pelos conflitos sociais ou pela reinvenção da própria linguagem, quando a palavra é dita como se fosse pela primeira vez. Mas ao capturar esse movimento da poesia que nasce sem propostas nem roteiros, sem guias nem crenças, sem ideologias nem projetos, parece que Gullar deu um novo rosto a seu trabalho. Esse novo rosto está em *Muitas Vozes*, de 1999, e está em seu novo livro, *Em Alguma Parte Alguma*, de 2010, que surgiu depois de onze anos de silêncio. Ou seja, para o poeta que pensou a poesia como uma transformação da linguagem e como uma transformação da vida, agora ela consiste em uma reinvenção de si mesmo.

É no espanto com as coisas simples, como o forte cheiro de jasmim que sentira ao sair da casa da sua companheira, a também poeta Claudia Ahimsa, que Gullar retorna à fenomenologia do poema, ao âmago da poesia. É no espanto que ele volta a colher a sua fonte primeira. Seria esse um retorno às origens? Seria essa reconciliação pós-utópica com o mundo um retorno às fontes perenes, eternas e sublimes da poesia? Depois de tantas transformações, teria sido Gullar tocado de novo pelo Anjo Terrível, que lhe acenara aos 20 anos, por trás das estrelas? Sim e não. Como diria Eliot, o tempo passado guarda o tempo presente. Mas o futuro guarda em si o passado e o presente. Todos são simultâneos. Todos se encontram implicados, uns nos outros. Na imagem de Hegel que inspirou a construção do *Poema Sujo*, o ramo é toda a árvore e também é *apenas* o ramo. O que Gullar foi ainda é o que ele será. Todo começo traz em si o seu fim prefigurado. Presente.

Pois para chegar ao céu, é preciso ter passado pela terra. E a sabedoria da terra e das coisas terrenas é muitas vezes a de mais difícil compreensão. Voos rasantes, vozes de multidões incendiárias, o murmúrio dos homens anônimos, das faces

anônimas, o luto dos dias, a luta corporal, um pouco acima do chão, em um não-lugar e em todos os lugares, em alguma parte e em parte alguma. Gullar certamente compreendeu tudo isso. Assim é que segue a utopia. E é o pássaro do poema de Eliot quem diz: “o espírito humano não suporta tanta realidade”. Depois de tanta realidade é que finalmente nos preparamos para o voo. E por isso, não é Gullar que segue sendo poeta, pois isso ele sempre será. É a poesia que continua se fazendo nele.

Rodrigo Petronio é escritor, professor e editor. Professor e coordenador da Academia Internacional de Literatura (AIL) e do Centro de Estudos Cavalo Azul. Autor dos livros: *História natural*, *Transversal do tempo*, *Assinatura do sol*, *Pedra de luz* e *Venho de um país selvagem*, entre outros.